



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

O OFÍCIO DE TRADUZIR GUIMARÃES ROSA: ESTUDO DE PROCESSOS NEOLÓGICOS EM GRAN SERTÓN: VEREDAS

Leomir Silva de Carvalho¹ (UFPA/ CAPES)

RESUMO: “O ofício de traduzir Guimarães Rosa: estudo de processos neológicos em *Gran sertón: veredas*” é uma pesquisa em andamento aprovada em 2011 no Curso de Mestrado em Letras/ UFPA, que recebe financiamento CAPES e tem como objetivo analisar a relação entre tradução e criação literária em processos neológicos existentes em *Gran Sertón: veredas*, tradução para o castelhano do romance de João Guimarães Rosa. Baseia-se em Walter Benjamin (1992) e Haroldo de Campos (1977) sobre tradução e Evanildo Bechara (2006) e Ieda Alves (2004), acerca de processos neológicos. Escolhem-se os dois primeiros para demonstrar a relação criativa existente entre literatura e tradução. Sobre processos neológicos, Bechara e Alves contribuem para a compreensão e tipificação do conceito, o que favorecerá o paralelo entre criação lexical e literária. A metodologia do trabalho compreenderá as seguintes etapas: Estudo bibliográfico no qual se fará um recorte acerca da relação entre literatura e tradução presente em Walter Benjamin e Haroldo de Campos. Posteriormente, selecionar-se-ão, em *Gran Sertón: veredas*, os neologismos que comporão o *corpus* da pesquisa. Em seguida, investigar-se-ão quais processos neológicos se encontram na obra de chegada. Então, analisar-se-ão as implicações entre criação literária e tradução quanto aos processos neológicos presentes *Gran Sertón: veredas* (1975).

PALAVRAS-CHAVE: *Gran Sertón: veredas*. Tradução. Neologia.

RESUMEN: “El oficio de traducir Guimarães Rosa: estudio de procesos neológicos en *Gran Sertón: veredas*” es una investigación en marcha aprobada en 2011 en el Curso de Máster en

¹ Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, participa do Grupo de Pesquisa EELLIP e do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA. Atem-se aos estudos da obra de João Guimarães Rosa, à relação entre Literatura e Tradução e aos Estudos de Literatura de Expressão Amazônica.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Letras/ UFPA, que recibe financiamento CAPES y tiene como objetivo analizar la relación entre traducción y creación literaria en procesos neológicos existentes en *Gran sertón: veredas*, traducción para castellano de la novela de João Guimarães Rosa. Se basa en Walter Benjamin (1992) y Haroldo de Campos (1977) sobre traducción y en Evanildo Bechara (2006) e Ieda Alves (2004), acerca de procesos neológicos. Se escogen los dos primeros para demostrar la relación creativa existente entre literatura y traducción. Sobre procesos neológicos, Bechara e Alves contribuyen para la comprensión y tipificación del concepto, lo que favorecerá el paralelo entre creación lexical y literaria. La metodología del trabajo comprenderá las siguientes etapas: Estudio bibliográfico en que se hará un recorte acerca de la relación entre literatura y traducción presente en Walter Benjamin y Haroldo de Campos. Posteriormente, se seleccionarán, en *Gran sertón: veredas*, los neologismos que harán parte del *corpus* de la investigación. Enseguida, se investigarán cuales procesos neológicos se encuentran en la obra de llegada. Entonces, se analizarán las implicaciones entre creación y traducción cuanto a los procesos neológicos de *Gran Sertón: veredas* (1975).

PALABRAS-CLAVE: *Gran sertón: veredas*; Traducción; Neología

INTRODUÇÃO

“O ofício de traduzir Guimarães Rosa: estudo de processos neológicos em *Gran sertón: veredas*” é um projeto de pesquisa que estuda as implicações entre criação literária e tradução a partir de processos neológicos presentes em *Gran Sertón: veredas*, tradução de *Grande Sertão: veredas* para o castelhano, realizada por Ángel Crespo. Fundamenta-se nas perspectivas de Walter Benjamin (1992) e Haroldo de Campos (1977) sobre tradução e, acerca do conceito e da tipificação neológica, em Evanildo Bechara (2006) e Ieda Alves (2004). Escolhem-se os dois primeiros para demonstrar a relação criativa existente entre literatura e tradução, sendo esta capaz de preservar certa autonomia quanto à obra fonte ao mesmo tempo



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

em que mobiliza significados que se encontravam latentes. E sobre neologia, Bechara e Alves contribuem para a compreensão e tipificação do conceito, o que favorecerá o paralelo entre criação lexical e literária. Almeja-se, no âmbito acadêmico, contribuir para o estudo da obra *Grande Sertão: veredas* quanto à relação entre literatura e tradução e colaborar com a compreensão da criação lexical no âmbito literário.

A metodologia do trabalho compreenderá às seguintes etapas: Estudo bibliográfico no qual se fará um recorte acerca da relação entre literatura e tradução presente em Walter Benjamin e Haroldo de Campos. O primeiro compreendendo o tradutor como aquele capaz de instaurar novos aspectos interpretativos deslocando o texto de partida para um outro patamar e, o segundo, entendendo tradução como “transcrição”, fenômeno que confere certa autonomia ao ato de traduzir. Posteriormente, selecionar-se-ão em *Gran Sertón: veredas*, os neologismos que comporão o *corpus* da pesquisa. Em seguida, se investigará quais processos neológicos que se encontram na obra de chegada. Então, analisar-se-á as implicações entre criação literária e tradução quanto aos processos neológicos presentes *Gran Sertón: veredas*.

1. TRADUÇÃO E CRIAÇÃO ESTÉTICA EM *GRAN SERTÓN*

João Guimarães Rosa nasceu em Minas Gerais na cidade de Cordisburgo em 1908. Três dias após tornar-se acadêmico da Academia Brasileira de Letras, no ano de 1967, vem a falecer no Rio de Janeiro. *Grande sertão* é seu terceiro livro, lançado em 1956, provoca polêmica entre os críticos brasileiros e passa a ser traduzido para diversas línguas, dentre elas o espanhol, o italiano e o francês. “O sertão está em toda parte” (ROSA, 1956, p. 8) afirma Riobaldo no primeiro parágrafo de sua conversa com seu silencioso interlocutor. Tal diálogo, em sua acepção primeira, configura a maneira como o personagem se apresenta ao leitor e conta a própria história. O foco narrativo, centrado no narrador-personagem, sinaliza que a ênfase deve deslocar-se da ação rumo ao modo como a trama é tecida. Quanto à ação principal, esta inicia na



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

infância com o encontro entre Riobaldo e Reinaldo em meio à travessia de canoa do rio São Francisco. O que provoca grande impressão no personagem-narrador, que, tempos depois, se reencontra com Reinaldo como jagunço e resolve empreender, ao seu lado, uma guerra entre grupos rivais. Quanto ao modo como a trama se manifesta, observa-se um narrador-personagem, que problematiza a si mesmo no ato de contar. E entremeia no seu discurso aforismos, narrativas populares, *causos* e outras histórias que constituem a obra como fio paralelo à ação principal. Esta vem à lume interrompida e fragmentada de acordo com a *duração interior* do personagem. Como afirma Nunes (1995), paralela ao tempo psicológico, a duração interior caracteriza-se por não coincidir com a precisão cronológica, próxima das flutuações da consciência em que os momentos se confundem: “A permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas corresponde a uma diferença de natureza. Seus momentos imprecisos, inseparáveis dos estados mutáveis da consciência, que se interpenetram”. (NUNES, 1995, p. 58).

O personagem-narrador de *Grande sertão: veredas* verte a angústia de “ser” tempo e pela linguagem tenta recompor fragmentos: “Eu era assim. Hoje em dia, nem sei se sou assim mais” (Rosa, 1956, p. 188). Arrigucci (1994) observa a presença nas personagens da obra rosiana, de uma *perspectiva histórica* cambiante, o que alcança expressão na forma do romance constituído por distintas representações temporais: “com figuras em gradação diferente, em diferentes estágios de realidade, envolvendo temporalidades distintas, ainda que combinadas” (ARRIGUCCI, 1994, p. 8).

Gran Sertón: veredas é a tradução de Ángel Crespo, para o castelhano, da obra de Guimarães Rosa. Sobre o tradutor, Pilar Gómez Bedate relata em seu artigo, “A recepção de João Guimarães Rosa na Espanha: a *Revista de Cultura Brasileña*” (2009), que a primeira tradução de obra rosiana foi em 1964 do conto: “O Cavalo que bebia cerveja” e em 1967 lança a primeira edição de *Grande sertão: veredas* para o espanhol. Bedate, comenta a escolha do tradutor de dotar a versão espanhola de título semelhante para que os termos rosianos fossem admitidos em sua língua no sentido exigido pela obra: “A primeira versão de *Gran sertón:*



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

veredas (Barcelona, 1967) traduz literalmente o título brasileiro com a intenção expressa de incorporar ao castelhano da península os termos ‘sertão’ e ‘veredas’ no sentido que deveriam adquirir através da leitura do romance” (BEDATE, 2009, p. 104-5). O tradutor, portanto, ao exercer seu ofício, promove a ampliação da própria cultura no momento em que busca identificar-se com a cultura que traduz.

2. TRANSCRIÇÃO E MULTIPLICIDADE

Este trabalho tenta contribuir, no contexto dos estudos da tradução da obra rosiana, estabelecendo a relação entre literatura e tradução no conflito que esta institue com a obra, situada em espaço e perspectiva distintas. Compreende-se tradução partindo da contribuição fundamental do pensador alemão Walter Benjamin no texto “A tarefa do tradutor” (1992) que, ao suscitar tais questionamentos, demonstra compreender a tradução como o espaço que parte do múltiplo inerente ao caráter singular de cada linguagem: “Aquela relação íntima pensada entre as línguas é a de uma convergência particular. Ela consiste no fato de as línguas não serem estranhas umas às outras, sendo aparentadas naquilo que querem dizer (...)” (BENJAMIN, 1992, p. 9).

Deste modo, as línguas se aproximam em sua natureza, nas intenções que as move. E a tarefa do tradutor é captá-las, sem meramente transpor o original para a tradução, a demandar a exigência pela literalidade, mas, instaurar o poético iluminando novas perspectivas de interpretação que se encontravam latentes no original. Benjamin assevera que, ao realizar seu ofício, o tradutor promove a ampliação da própria língua, incita a busca por rumos insuspeitos: “Porque assim como o som e o significado dos grandes poemas se modificam completamente com os anos, assim também se transforma a língua materna do tradutor”. (BENJAMIN, 1992, p. 10).

Assim, o poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos, fundamentado no pensador



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

alemão, estuda o que chama de *transcrição*, a tradução vista em sua vertente criativa de recriação do texto poético, em sua necessária autonomia para reconstruir o texto primeiro em um empenho contínuo por renovação para, segundo Campos, “colher nas redes de um sistema dúctil, não rígido e não conclusivo, a imprevisibilidade, a surpresa, a mobilidade da informação original” (1977, p. 10-1).

Neste caso, a necessidade de transcriar situa o tradutor como um subversivo, incapaz de submeter-se a obra original. Em específico no capítulo “A quadratura do círculo” Campos expõe os métodos que utilizou ao “reimaginar”, para o português, poemas escritos em mandarim, o que significou reverter o intraduzível para a busca por novas soluções:

Já se disse que traduzir poesia chinesa para um idioma ocidental seria algo tão impossível quanto a quadratura do círculo. É da essência mesma da tradução de poesia o estatuto da impossibilidade. Para quem aborda a arte de traduzir poesia sob a categoria da criação, essa superlativação das dificuldades, só pode acrescer-lhe na medida proporcional, o fascínio (CAMPOS, 1977, p. 121)

Assim, a tradução compreendida como multiplicidade inerente ao trânsito entre culturas que se irradiam através das línguas demonstra por meio de neologismos uma forma de investigar como se constitui tal contato ao observar os imbricamentos entre obra de partida e obra de chegada. Especificamente, na constituição de uma linguagem literária singular, em Guimarães Rosa se destacam os neologismos. Campos (1988) assevera que esse aspecto é desenvolvido pelo autor brasileiro na busca por ampliar seu acervo lexical:

O princípio formador de vocábulos tem sido objeto de interesse por parte de todos que fazem da língua centro de cogitações. E com motivo justo, pois ele é responsável pelos neologismos e fonte enriquecedora do idioma. Os escritores renovam os reservatórios lexicais, aproveitando-se da importância dos morfemas de derivação. Obviamente é um campo aberto para estudos na obra de Guimarães Rosa e, nesse sentido, abundam as pesquisas. (CAMPOS, 1988, p. 130)

Ao estabelecer paralelo com *Gran Sertón: veredas*, constata-se que o tradutor teve



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

que responder a questões acerca do tema. Em primeiro lugar, como afirmou Bedate anteriormente, Crespo optou por manter o título mesmo sem correspondência direta em castelhano. O que configura caso de empréstimo linguístico, como afirma Alves (2004): “Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo da língua. É então denominado estrangeirismo”. (p. 73) Ao permanecer com o termo da língua externa, segundo a mesma autora, a escolha é por imprimir a marca da região no texto de chegada: “O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada, Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência”. (ALVES, 2004, p. 72-3) Em Crespo, constata-se que o objetivo foi o de corresponder à identidade da obra: “Hemos mantenido una traducción literal del título de este libro, por no seguir la viciosa costumbre de inventar otro para nuestra traducción. Nuestro respeto a la identidad y categoría literaria del original no nos permite hacer otra cosa”. (CRESPO, 1975, p. 11)

Assim, compreende-se a tradução como espaço em que se entrelaçam diferentes culturas e o tradutor, como responsável por escolher os fios a serem urdidos. Ao tratar-se com obras de cunho literário, tem-se o sentido posto em constante dinamismo quando submetido ao caráter “transcriador” relativo ao ato de traduzir. Os processos neológicos, segundo o enfoque desta pesquisa, fundamentam tal caráter, visto que, na obra de Guimarães Rosa, são parte integrante de sua linguagem, e ao traduzi-lo, o texto de chegada deve responder de maneira criativa aos referidos processos.

CONCLUSÃO

Este Projeto estabelece, em seu cronograma inicial, as seguintes fases, referentes ao ano de 2011: 1. Acompanhamento das disciplinas e demais atividades do curso, entre os meses de março a dezembro; 2. Levantamento bibliográfico acerca do tema, entre os meses de março e



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

agosto; 3. Seleção dos neologismos que farão parte do *corpus* da pesquisa. entre setembro e dezembro. E em 2012: 4. Levantamento de bibliografia complementar, de janeiro a março; 5. Análise no *corpus* selecionado dos processos neológicos envolvidos, de abril a julho; 6. Processo de orientação para a produção da dissertação de janeiro a dezembro; 7. Início da produção escrita (primeira versão para a qualificação), de janeiro a julho; 8. Primeira revisão técnica (conteúdo e escrita) em julho; 9. Qualificação em agosto; 10. Produção final da dissertação de agosto a dezembro.

Seguindo o cronograma de execução exposto, o ponto 1 está concluído, visto que, as disciplinas foram integralizadas. E a fase referente a seleção de processos neológicos e a pesquisa de bibliografia complementar estão concluídas. No que tange ao ponto 5, ocorre a leitura e análise da bibliografia teórica pesquisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004, 93 p.
- ARRIGUCCI JR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 40, p. 7-29, 1994.
- BEDATE, Pilar Gómez Bedate. A recepção de João Guimarães Rosa na Espanha: a Revista de Cultura Brasileira. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel. *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 101-112.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 16. impr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, 672 p.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. *Cadernos do mestrado*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 5-12, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do possível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977,



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

240 p.

CAMPOS, Vera Mascarenha de. *Borges e Guimarães: na esquina rosada do Grande sertão*. São Paulo: Perspectiva, 1988, 177 p.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995, 84 p.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, 594 p.

_____. *Gran sertón: veredas*. Traducción: Ángel Crespo. Barcelona: Seix Barral, 1975, 464 p.